

- LV -**QUE POLÍTICAS PÚBLICAS E QUE GESTÃO DEMOCRÁTICA
NECESSITAM AS ESCOLAS PARA ENFRENTAR A VIOLÊNCIA QUE
HABITA O TECIDO SOCIAL E EDUCACIONAL?**

Naura Syria Carapeto Ferreira
Universidade Tuiuti do Paraná/Brasil
nauraf@uol.com.br

Maria Iolanda Fontana
Universidade Tuiuti do Paraná/Brasil
maria.iolanda.fontana@gmail.com

Este trabalho parte da análise da estrutura e conjuntura do tecido social em que vivem os alunos, seus familiares e a população em geral que contraditoriamente invade agressivamente este espaço ou se “tranca” e se debate contra o mais poderoso elemento da sociedade hodierna: a violência. Tem por objeto investigar sobre a efetiva realidade e relação das políticas públicas (exaradas e operacionais) com a gestão democrática da educação almejada, a fim de que se possa exigir do poder público e de todos os profissionais da educação condições para que “os alunos (as) possam desenvolver-se como seres humanos fortes intelectualmente, ajustados emocionalmente, capazes tecnicamente, com aguda consciência da realidade onde vão atuar e ricos de caráter (FERREIRA 1997, p113). Este sonho que é, muito mais do que um sonho, constitui-se num princípio da Declaração Universal dos Direitos Humanos, da constituição da República Federativa do Brasil, da Carta Magna Brasileira e de tantos outros documentos oficiais e pactos internacionais que necessita se concretizar no Brasil e no mundo tão conturbado por “valores” antagônicos que ocasionam disparidade econômico-social de onde decorrem todas as demais mazelas que podem ser agrupadas no terrível termo: ódio. A formação do profissional da educação e a formação humana em geral tem sido e continuará a ser objeto de investigação, de estudo e aprimoramento em cada momento histórico do desenvolvimento da humanidade, pela peremptória necessidade de “responder às demandas sociais, científicas e tecnológicas, enquanto profissional responsável pela educação de qualidade, entendida como “atividade mediadora no seio da prática social global”(SAVIANI, 1980, p.120). Também tem sido defendida na intrínseca relação com a gestão democrática da educação por se complementarem em sua essência de conteúdo. Todavia, mais do que nunca nos tempos hodiernos, esta exigência se torna imperiosa pelo estágio de evolução cada vez mais acelerado da ciência e da tecnologia no mundo globalizado, quando todas as determinações, avanços, rupturas, violência e “achatamento” do mundo exigem novos elementos decisivos para esta formação. Disputas e violência são protagonistas. Da qualidade desta formação depende a formação de todos os

futuros “cidadãos”. Dela depende a formação para a cidadania de todos que puderem ter acesso à escola e ao tratamento dos profissionais da educação ou a exclusão decisiva da vida em sua plenitude, isto é, da morte na vida! Partindo do conceito de práxis para refletir sobre disputas que originam a violência expõe-se neste trabalho que pretende-se elevar a ciência e consciência sobre a violência instalada no mundo e a práxis, tal como elucida o filósofo e professor Adolfo Sanchez Vázquez (1977, 1998). Toda a práxis, assim, é um processo de formação e transformação de um objeto. O sujeito imprime uma determinada forma ao objeto em questão, depois de o haver desarticulado ou violentado para poder transformá-lo. Como destruição de uma ordem estabelecida – no processo de transformação – a violência é um atributo humano, mas que não se mostra apenas pela sua experiência de força. Na natureza a força existe nas não se usa. Só o homem usa a força e pode usar a si mesmo como força. Daí o caráter exclusivamente humano da violência. Esta se manifesta onde o natural e o humano – como matéria ou objeto de sua ação – resiste ao homem. Faz-se necessário uma transformação para uma melhor qualidade da formação humana, da população, de toda a humanidade! Sim! Mas como? Com um sentido de transformação revolucionária que permite a alteração das relações e configurações sociais existentes é necessário provocar rupturas e a educação poder-se-á assumir como a grande mediadora que permite a transformação desencadeando possibilidades à construção de um conhecimento que se ergue para além da compreensão e justificação da realidade, mas também, para a sua transformação. Sánchez Vázquez entende, que mais do que interpretar o mundo de distintos modos, é necessário transformá-lo. Para o Professor da Universidade de Londres Guy Standing, com as transformações econômico-sociais que emergem da, e na crise mundial, um dos tópicos defendidos seria aumentar a flexibilidade do seu mercado de trabalho, o que veio gerar uma agenda para transferir os riscos e a insegurança para o lado dos trabalhadores e suas famílias. Tal crença originou a criação de um “precariado global” constituído por milhões de pessoas, em todo o mundo, que são desprovidas de qualquer âncora de estabilidade. E por isso, consideram ser uma “nova classe perigosa. Para este professor, as pessoas que constituem o precariado enquanto classe em formação são propensas a dar ouvidos a vozes agressivas e a usar os seus votos e o seu dinheiro para dar a essas vozes uma plataforma política cuja influência está a crescer. O sucesso da agenda ‘liberal’, abraçada em maior ou menos grau por governos de todas as áreas políticas, criou um monstro político que ainda é incipiente. Por esse motivo, afirma que é preciso agir antes que esse monstro ganhe vida. (STANDING, 2014, p 19). Está em causa, a libertação da mente, de um sentimento comum de insegurança. Mas nenhuma revolução vem da simples compreensão das coisas. Ainda ao se tinha acumulado uma raiva eficaz, porque ao havia sido forjada nenhuma estratégia política. A medida em que a globalização avançava, e que os governos corriam uns atrás dos outros na flexibilização das relações laborais, o número de pessoas em regimes de trabalho sem segurança foi se multiplicando. Mais uma forte determinação que justifica a necessidade do estudo, debate e compreensão do tema que se propõe neste texto, rumo à superação deste *status quo* e à construção de uma sociedade mais justa, igualitária e feliz, fundada na

dignidade humana.com escolas bem equipadas professores muito bem formados e muito bem remunerados. Importante, por isso, em especial, considerar a práxis na dimensão ético-política da gestão da educação. Se o resultado do trabalho educacional não atende às demandas sociais, este é o atendimento prioritário por parte do poder público e de todos os responsáveis em fazer acontecer. Ao falar, neste texto, em formação trata-se da formação inicial e continuada, da formação chamada de geral e profissional, pois sejam quais forem as nomenclaturas e divisionismos estruturais ou programáticos trata-se de formação humana que ou forma humanos ou forma “monstros”, por não permitir uma formação humana digna. Arma-se, assim o eixo analítico-reflexivo do presente trabalho que expõe sínteses de uma pesquisa em desenvolvimento e outra concluída, que tem por objeto o movimento por meio do qual as análises sobre a formação inicial e formação do profissional da educação se reproduzem na formação continuada. Estas análises se tornam mais intensas quando agravadas de outras determinações relativas à expansão dessa maneira de “formar” ou capacitar, no seio da sociedade brasileira, ora pelas universidades ora, de forma muito mais intensa quantitativamente, por institutos e outras formas mercantis de “fazer a educação”. A metodologia é dialética apoiada em fontes primárias e secundárias. Apoia-se em documentos oficiais, em renomados intelectuais e nas teorias da educação na sua forma mais elaborada: Dermeval Saviani, Carlos Roberto Jamil Cury, Luiz Fernandes Dourado, Guy Standing, Adolfo Sánchez Vázquez, Naura Syria Carapeto Ferreira, e outros. Dirigida pelo eixo acima indicado foi realizada investigação teórico-prática sobre estas questões no movimento dialético da relação que as compõe. As conclusões já esboçadas apontam a necessidade de encararmos de maneira nova a relação entre a possibilidade e a realidade, na produção do conhecimento sobre a realização humana, a ética, a estética, a história da educação, a filosofia social e política, a fim de responder às questões da existência em geral, relativas ao ser humano no modo mais elevado de ser nas condições sociais em que vive.

Referências

CHOMSKI, Noam. (2016) *Quem governa o mundo?* Lisboa: Editorial Presença.

FERREIRA, Naura Syria Carapeto (2008). A gestão da Educação e as políticas de formação de profissionais da educação: desafios e compromissos. In: FERREIRA, Naura Syria Carapeto. *Gestão democrática da educação: atuais tendências, novos desafios*. 8 ed. São Paulo: Cortez Editora.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto (2016). *A desordem mundial: o espectro da total dominação*. Rio de Janeiro Civilização Brasileira.

SAVIANI, Dermeval. (1980). *Educação: Do senso comum à consciência filosófica*. São Paulo: Cortez Editora.

STANDING, Guy. (2014). *O precariado: a nova classe perigosa*. Lisboa: Editorial Presença.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez (1977). *Filosofia da Práxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez (1998). *El mundo de la violencia*. México: Fondo de Cultura Económica.